

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Caroline Gonçalves Chaves

**A CONTAÇÃO NA AVOSIDADE:
a qualidade da relação entre avós e netos através das histórias.**

Porto Alegre
Dez. 2015

Caroline Gonçalves Chaves

**A CONTAÇÃO NA AVOSIDADE:
a qualidade da relação entre avós e netos através das histórias.**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Porto Alegre

Dez. 2015

Caroline Gonçalves Chaves

**A CONTAÇÃO NA AVOSIDADE:
a qualidade da relação entre avós e netos através das histórias.**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Darli Collares - UFRGS

Sergio Lulkin - UFRGS

Johannes Doll (orientador)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pelo presente da existência e pela oportunidade de crescer em circunstâncias tão abençoadas: com saúde, com recursos materiais e rodeada de pessoas que me amam e me compreendem.

À Universidade Federal do Rio Grande Sul, por me acolher como discente e proporcionar-me tantos anos de ensino de excelência e com gratuidade.

Aos meus avós, por me ensinarem valores e encherem minha infância de lembranças agradáveis e de ternura.

A minha mãe, Tania, gratidão pela paciência e por me fornecer suporte durante a vida escolar e universitária.

Às mulheres que gentilmente participaram da construção desse trabalho, concedendo-me entrevistas: agradeço muito por compartilharem suas lindas histórias comigo.

À ex-colega e amiga contemporânea de barra, Larissa, pela parceria desde 2010, quando entramos na faculdade, e pelas diversas horas de discussões pedagógicas. Muito obrigada pelo auxílio durante todos esses anos de curso!

Ao trio de colegas que, juntas, formamos um quarteto especial: Lissane, Sara e Vanessa. Vocês foram essenciais nessa trajetória. Que nossa amizade se estenda além dos muros da Universidade.

A todos os amigos que estiveram presentes nos momentos bons e também nos ruins, em especial à Rita Barriles e Patrícia Testa: obrigada pela amizade sincera.

A meus mestres, todos eles: desde a professora Bernadete, que me alfabetizou, em 1991, aos professores da FAGED (impossível citar todos!) que, com muito carinho e propriedade, me ensinaram a amar a docência.

Ao curso Pré-vestibular Esperança Popular Restinga, onde tive minha primeira experiência de lecionar, e ao meu primeiro orientador, Professor Thiago Ingrassia, através do qual conheci Paulo Freire e a Educação Popular.

Agradeço também às escolas Apeles Porto Alegre e Dom Pedro I, onde realizei as práticas do 5º e 6º semestres e o estágio de docência em EJA, respectivamente: obrigada pela disponibilidade e apoio. Aos alunos, obrigada pelas

imensas aprendizagens e pelos bons momentos compartilhados. Jamais os esquecerei!

Finalmente, agradeço ao meu orientador, Professor Johannes Doll, por compartilhar com seus alunos conhecimentos inesgotáveis. Quando em 2009, ainda aluna da Medicina Veterinária, resolvi cursar a disciplina Educação e Envelhecimento: Perspectivas Pedagógicas, fiquei encantada com seu modo conciliador de lecionar e com sua sabedoria imensurável; soube que tomaria a decisão correta escolhendo a Educação como caminho.

Sim, tenho certeza de que a vida nos dá os netos para nos compensar de todas as mutilações trazidas pela velhice. São amores novos, profundos e felizes, que vêm ocupar aquele lugar vazio, nostálgico, deixado pelos arrombos juvenis.

Rachel de Queiroz

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso retrata uma consideração a respeito das contações efetuadas na avosidade, mais precisamente por pessoas idosas, aproximando essas histórias à perspectiva intergeracional. Pretende-se (re)conhecer o idoso (e principalmente o idoso contador de histórias) como sujeito de importante valor para a sociedade no papel que desempenha na família, junto aos netos. O estudo, com abordagem qualitativa e entrevistas semiestruturadas, foi realizado com cinco senhoras de Porto Alegre, avós, que costumam ou costumavam contar histórias a seus netos. Objetivou-se identificar por que, quando, como e o quê esses sujeitos de pesquisa contavam, legitimando a relevância dos relatos. Por considerar essencial a manutenção do elo avô-neto através das histórias, intenta discutir, a partir de revisão bibliográfica, quão significativa é a permanência do costume da contação. A tradição da contação de histórias é retransmitida entre as gerações há milhares de anos, atribuindo-se a ela a perpetuação de memórias e narrativas que traduzem significado à trajetória de uma família. Afora as contações literárias, igualmente importantes, mas que não são o enfoque desta pesquisa, fala-se de relatos pessoais, biografias únicas que são conhecidas por membros familiares e perpassam o tempo, graças à preservação desse hábito, o de contar histórias. Contando histórias aproximam-se gerações e reiteram-se laços entre avós e netos, entre idosos e crianças, que instintivamente possuem afinidades tão infindáveis quanto as parentais (RAMOS, 2011).

Palavras-chave: avosidade, intergeracionalidade, contação de histórias, narrativas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FFC/UNESP/Marília – Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista / Campus de Marília

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNITI – Universidade para a Terceira Idade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OS IDOSOS NO BRASIL E O VIVENCIAR DA AVOSIDADE	13
3 METODOLOGIA	18
3.1 AS SENHORAS ENTREVISTADAS DA UNITI	19
3.2 AS SENHORAS ENTREVISTADAS DE OUTROS LOCAIS	20
4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: OUVINDO E SENTIDO AS NARRATIVAS.....	21
5 PERSPECTIVAS.....	29
6 REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE A –QUESTÕES PARA A ENTREVISTA	34
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	35

1 INTRODUÇÃO

A motivação para esse estudo se deu a partir de uma pesquisa realizada para a disciplina de Pesquisa em Educação, no segundo semestre de 2011, durante o curso de Pedagogia. A contação de histórias, especialmente por idosos, foi explorada no trabalho em questão com o intuito de, no futuro, inquirir se havia em Porto Alegre um ou mais grupos de pessoas idosas contadoras de histórias, particularmente contadores de histórias para crianças, investigando também a intergeracionalidade. Soube-se, mais tarde, que algumas Universidades mantêm projetos de contação de histórias literárias por idosos, como é o caso da UNITI – Universidade para a Terceira Idade (UFRGS), da UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade (FFC/UNESP/Marília) e do Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI (UFSC). Através da contação literária estima-se que há também para esses sujeitos melhoras em suas funções cognitivas e o estreitamento de laços afetivos com as crianças. Contudo, o enfoque deste trabalho modificou-se, moldando-se a indagar a ocorrência da contação de histórias, não literária, mas oral (biografias, histórias familiares, histórias de vida) relatadas na avosidade; a conexão entre avós e netos intercedida também pela contação.

Contar histórias é um método de preservar memórias e biografias. Além disso, Campos (2011) relata que, com o advento da ciência arqueológica, descobriu-se o primeiro modo de aprender e ensinar utilizado pelo ser humano: a contação. A figura do contador de histórias, apesar de tradicional, se mostra atual e viável nos dias de hoje, não só em bibliotecas, escolas e espaços culturais (DORNELAS, 2008), como também no aconchego do lar, à casa dos avós. Quando da impossibilidade de escrever histórias, a busca pela manutenção da oralidade se faz essencial para o perpetuar dessas memórias; ainda, vivenciar momentos de união não estabelecidos através da leitura individual dessas mesmas histórias em escritos pode ser enriquecedor: o contato humano, a fala emitida e recebida, a troca de olhares, o prestar atenção no outro e o cuidado com o modo com que o outro irá receber essas informações são condições vivenciadas interpessoalmente. Da mesma forma,

mesmo quando só uma pessoa fala, a narração oral é sempre uma forma dialógica, ainda mais do que na literatura, campo onde já está bem estabelecido que o leitor nunca é passivo¹. Durante a narração, a troca não ocorre apenas no plano da linguagem, mas também através do ar: pelo sopro

¹ Conforme por exemplo os trabalhos sobre o papel do leitor em Wolfgang Iser e Umberto Eco

compartilhado em que vibra a voz de quem fala no ouvido de quem escuta, pelo calor físico gerado pelos gestos de quem conta e de quem reage, pela vibração motriz involuntária – arrepios, suspiros, sustos – causada pelas emoções que a história desencadeia. Chegaremos ao plano da *conspiração*, onde poderemos entender a partilha narrativa como “um respirar junto” cuja intimidade irrepetível gera uma forma muito particular de confiança (GIRARDELLO, 2007, p.2-3)

Afora isso, creio que o reviver da memória pode provocar emoções positivas e sensação de satisfação no reencontro com momentos de alegria vividos.

A relação estabelecida entre crianças e idosos costuma se apresentar satisfatória e benéfica. No papel de avós, muitos idosos podem desenvolver uma ligação de fidelidade e cumplicidade com os pequenos que alguns pais, talvez, não consigam promover. O vínculo entre avós e netos, historicamente, é uma ocorrência recente, conforme afirma Ramos (2015) ao revelar que a expectativa média de vida, no passado, não possibilitava relações muito duradouras e efetivas. No entanto, esse cenário vem se modificando, especialmente no Brasil, de modo que a esperança de vida cresce vigorosamente: o percentual da população brasileira maior de 60 anos presente na população total passou de 4% em 1940 para 13,7% em 2014. (PNAD, 2015). Esse grupo, o de idosos, é heterogêneo e complexo, já que abrange pessoas em torno dos 60 anos, muitas vezes plenamente ativas sócio e economicamente, e pessoas na faixa dos 90 anos, já mais debilitadas (CAMARANO, 2004).

Embora não seja necessário ser idoso para experienciar a avosidade, é comum encontrarmos avós próximos da maturidade. Isso porque muitas famílias optam por ter filhos mais tarde, adiando os planos de um herdeiro e, conseqüentemente, retardando também os papéis de avós delegados a seus pais e sogros. Ainda assim, quando falamos da avosidade, não nos referimos tão somente aos avós mais sedentários, inertes em suas cadeiras de balanço, em posse de jornais, cachimbos e agulhas de tricô (como representados em muitas histórias da literatura infantil). Sim, eles existem; mas dividem cenário com avós relativamente jovens, modernos, que dirigem automóveis e levam os netos à escola ou acessam a Internet com (ou sem) a ajuda dos mesmos. As múltiplas faces do envelhecer trazem o idoso como detentor de saber e símbolo da experiência (Chevalier e Gheerbrant, 2000, apud Oliveira, 2011) e essa visão pode ser compartilhada tanto por avós mais frágeis quanto por avós mais ativos.

Os objetivos dessa pesquisa buscam detectar a qualidade da relação entre avós e netos a partir das histórias de vida contadas na avosidade. Tem-se, como objetivo geral, entender sua influência para as relações entre eles. Como objetivos específicos, destacam-se:

- a) Analisar entrevistas compostas por relatos memoriais de avós a fim de descobrir quando, por que, onde e o quê conta(va)m essas a seus netos;
- b) Identificar as contribuições que essas contações trazem à intergeracionalidade;
- c) Avaliar como a avosidade, a forma de ser avó, tem influência na transmissão de conhecimentos aos mais jovens.

Justificativa:

Por se tratar de um tema importante para a Educação, a contação na avosidade deve ser estudada no intuito de (re)conhecer como se dão as relações intergeracionais do ponto de vista dos avós, resgatando a tradição oral e fortalecendo laços entre estes e seus netos; a relação avós-netos possui qualidades educadoras e educa, por sinal, tanto os netos quanto os avós.

Geralmente, é na casa dos avós que os netos possuem liberdade para vivenciar aventuras não permitidas em suas próprias casas; as regalias, os mimos, os cuidados, as gostosuras oferecidas pelos avós – quem sabe, mais generosos – são recebidas com alegria pelas crianças e reiteram os laços afetivos. Ramos (2011, p. 19) ressalta:

[...] No enlace família e escola, muitas vezes esquecemos que os avós podem estar tão ou mais presentes na vida das crianças do que seus próprios pais. Muitas vezes são com eles que nossos meninos e meninas fazem o tema; são para eles que as crianças ligam da escola quando estão machucadas ou indispostas; é na companhia deles que muitos voltam pra casa depois de um dia de aula; e é na casa dos avós que muitas crianças passam o turno oposto ao da escola. Mais que isso: durante a primeiríssima infância, quando muitas crianças não têm acesso às instituições de Educação Infantil, são os avós que ficam com elas e lhes ensinam as primeiras palavras, as primeiras letras e os primeiros passos. Por isso, os avós não são apenas representantes das famílias das crianças; eles são figuras importantes, que cuidam delas e contribuem para o seu crescimento e desenvolvimento.

Ainda, mesmo quando não existem laços de sangue, a amizade entre crianças e idosos (vizinhos, educadores ou contadores de histórias) pode ser estabelecida e enriquecida pela troca de gentilezas e de afetividade (Ramos, 2009). As crianças, frequentemente, quando têm a oportunidade de auxiliar um idoso com pequenas tarefas assim o fazem, e os idosos, agradecidos, podem beneficiar as crianças com belos e interessantes relatos.

2 OS IDOSOS NO BRASIL E O VIVENCIAR DA AVOSIDADE

OS VELHOS

Todos nasceram velhos — desconfio.
 Em casas mais velhas que a velhice,
 em ruas que existiram sempre — sempre
 assim como estão hoje
 e não deixarão nunca de estar:
 soturnas e paradas e indelévels
 mesmo no desmoronar do Juízo Final.
 Os mais velhos têm 100, 200 anos
 e lá se perde a conta.
 Os mais novos dos novos,
 não menos de 50 — enorm'idade.
 Nenhum olha para mim.
 A velhice o proíbe. Quem autorizou
 existirem meninos neste largo municipal?
 Quem infringiu a lei da eternidade
 que não permite recomeçar a vida?
 Ignoram-me. Não sou. Tenho vontade
 de ser também um velho desde sempre.
 Assim conversarão
 comigo sobre coisas
 seladas em cofre de subentendidos
 a conversa infundável de monossílabos, resmungos,
 tosse conclusiva.
 Nem me vêem passar. Não me dão confiança.
 Confiança! Confiança!
 Dádiva impensável
 nos semblantes fechados,
 nos felpudos redingotes,
 nos chapéus autoritários,
 nas barbas de milénios.
 Sigo, seco e só, atravessando
 a floresta de velhos.

(Carlos Drummond de Andrade, in Boitempo)

O poeta Drummond, ainda jovem, questiona no poema o desprezo dos mais velhos e manifesta seu desejo de também ser velho, de conversar sobre assuntos velados. Se todos nascemos velhos, é pertinente tratarmos da velhice como tema atual e presente. O país enfrenta mudanças quanto a sua estruturação etária, de sorte que, se hoje as crianças e jovens constituem o maior grupo populacional da pirâmide etária brasileira (DOLL, RAMOS e BUAES, 2015), em breve os idosos ocuparão esse lugar. A população mundial vem envelhecendo e não é diferente no Brasil. Isso se deve a dois fatores principais: a queda na taxa de fecundidade e a diminuição da taxa de mortalidade infantil, índices modificados devido a reestruturações sociais, educacionais, culturais e da saúde (DOLL, RAMOS e BUAES, 2015). Um dado também interessante é a estimativa de que

em 2060 mais de um terço da população brasileira será constituído por pessoas com 60 anos ou mais (DOLL, RAMOS e BUAES, 2015); assim, a sociedade deverá se adaptar a essa realidade, acolhendo uma população com necessidades e anseios distintos aos de pessoas mais jovens. O aumento da longevidade representa, portanto, conquistas no campo social e da saúde e desafios às demandas sociais e econômicas (DOLL, RAMOS e BUAES, 2015), auxiliando no crescimento das esferas de atuação da Gerontologia, ciência multidisciplinar que estuda o envelhecimento em suas vastas dimensões e se empenha em desvendar novas possibilidades de desenvolvimento para essa fase da vida (CHAVES, 2011). O surgimento da Gerontologia Educacional, vinculando essa ciência à Educação, em 1976, possibilitou um novo olhar para as pessoas idosas, retirando a tão somente perspectiva assistencialista conferida a esse público e dando lugar a ações efetivamente comprometidas com o plano educacional. Dessa maneira,

com o surgimento da Gerontologia Educacional, elementos mais explícitos da ação educativa passaram a integrar as atividades dirigidas aos idosos, fazendo surgir, por exemplo, o movimento das universidades e das escolas abertas à terceira idade (DOLL, RAMOS e BUAES, 2015, p. 11).

A apresentação de alguns conceitos no dicionário² nos traz uma ideia do que significam, formal e informalmente. A seguir, as definições para as palavras idoso, envelhecimento, envelhecer e velhice:

idoso

i.do.so

adj (*idade+oso*, com haplogogia) Que tem muitos anos; velho, senil.

envelhecimento

en.ve.lhe.ci.men.to

sm (*envelhecer+i+mento*²) Ação ou efeito de envelhecer.

envelhecer

en.ve.lhe.cer

(*en+velho+cer*) **vtd 1** Tornar velho; avelhentar. **vint 2** Tornar-se velho. **vtd 3**Fazer que

² Michaelis Online

pareça velho: **A vida boêmia o envelheceu prematuramente. vint 4** Tornar-se desusado ou inútil. **vint 5** Apagar-se, obliterar-se.

velhice

ve.lhi.ce

sf (velho+ice) 1 Condição ou estado de velho. **2** Idade avançada. **3** Período que, na vida do indivíduo, sucede à idade madura. **4** As pessoas velhas. **5** Rabugice própria de velho. **Antôn** (acepção 1): **juventude, mocidade.**

As significações acima remetem-nos a uma visão um tanto pejorativa, pois envelhecer representaria desgastar, desusar, esvair-se. Sendo assim, envelhecimento, ato de envelhecer, provocaria um sentimento negativo naqueles que o transcorrem, o que se pode afirmar nem sempre ser verdade. Ao presenciarmos idosos ativos, satisfeitos e bem aproveitando cada dia de suas vidas, sabemos que a velhice não manifesta tão somente sua face inconveniente e de debilidade. Acerca da definição de idoso, Chaves (2011, p. 2) considera que

a Organização Mundial da Saúde (OMS) define as pessoas idosas como aquelas com idade superior a sessenta ou sessenta e cinco anos, em países em desenvolvimento e desenvolvidos, respectivamente. Contudo, a dificuldade em categorizar a velhice é proeminente devido à subjetividade desse conceito. Envelhecer pode significar, de um modo mais objetivo, aumentar cronologicamente o número de anos vividos; ou, ainda, um processo biológico natural e inerente a todos os seres vivos, cujas células nascem, crescem, se multiplicam, diminuem suas atividades e, por fim, morrem (definindo o conceito de senescência). Para alguns, o estereótipo do idoso está diretamente ligado à senilidade, ou seja, às limitações e às patologias que muitos experienciam nessa fase da vida; para outros, envelhecer é, ao contrário, adquirir sabedoria, maturidade e experiência. Todas as proposições não abrangem a amplitude do envelhecimento, o qual está arraigado por fatores ambientais, psicológicos, sociais e culturais.

De tão heterogêneos, os conceitos referidos não podem resumir-se a designações ultimadas, limitadas. As representações da velhice conferem grandes oportunidades positivas, a partir de um progressivo despertar de consciência e de novas possibilidades, conforme Doll, Ramos e Buaes (2015, p. 12):

No que se refere às atividades voltadas diretamente para o público idoso, a intencionalidade e os objetivos de tais propostas podem ser amplamente diversificadas. Universidades abertas para a terceira idade, grupos de convivência, Educação de Jovens e Adultos (que no Brasil recebe um grande número de idosos), treinamento de atletas idosos, curso de informática para adultos maduros, entre outros, refletem a própria heterogeneidade desse grupo, que possui interesses educacionais muitas vezes diversificados. Além disso, trocas

intergeracionais, contatos familiares, experiências de vida em instituições de longa permanência, relações de amizade entre idosos e entre diferentes grupos geracionais constituem-se como espaços de ensino e de aprendizagem nos cotidianos da própria vida. Como podemos ver, a intersecção entre a Educação e a Gerontologia ocorre em um vasto contexto de experiências e interesses.

Quanto à avosidade, sendo ela mais comumente experienciada na velhice, por motivos os quais já discorreremos, tem-se a definição de avó(s), no mesmo dicionário:

avó

a.vó

sf (lat aviola) 1 Mãe do pai ou da mãe. 2 Anciã. **A. materna:** a mãe da mãe. **A. paterna:** a mãe do pai. **A. torta:** mãe do sogro ou da sogra; mãe da madrasta ou do padrasto. **Pl: avós. sm pl** 1 Plural que compreende simultaneamente **avô(avós)** e **avó (avós)**. 2 Ascendentes, avoengos; os que viveram antes (em relação a determinado tempo, ou pessoa).

Os avós são, portanto, aqueles que vieram antes, ou seja, que trazem consigo um pedaço do passado. Assim,

ao concebermos a relação entre avós e netos enquanto algo que ultrapassa os limites biológicos, com a transmissão simbólica familiar e o estabelecimento na contemporaneidade do exercício de novas funções, os avós nos permitem refletir e questionar sobre a concepção do envelhecimento e memória familiar. Para Barros (1987), os avós são sinônimos de memória, são imprescindíveis na formação da identidade familiar e também de seus componentes, influenciando, nesse caso, de forma individual (Silva, Correa, 2014, p. 3)

Avós carregam, conseqüentemente, a experiência e a ancestralidade em suas marcas, e a relação que estabelecem com seus netos, principalmente quando esses são crianças, é intensa e diversificada, conforme afirma Ramos (2015, p. 197):

Cada vez que uma criança nasce, nasce ou renasce também um avô. O nascimento de uma criança impele a todos na escala genealógica, atribuindo aos avós essa nova posição familiar. E apesar de os avós serem designados por uma mesma nomenclatura, nem todos são interpelados por este acontecimento na mesma época ou da mesma forma. Uma pessoa pode tornar-se avó aos 30, 50 ou 70 anos, com ou sem companheiro, morando próximo ou distante de seus netos, em melhores ou piores condições de saúde, estando aposentado ou em pleno exercício profissional e cuidando, ou não, de seus netos regularmente. Essas variáveis influenciam de modo importante o modo como avós e netos convivem e se relacionam.

Avós e netos são cúmplices, amigos, parceiros. Um satisfaz as vontades do outro, mimam-se, ambos precisam e anseiam por esse convívio. O ato de contar histórias traz consigo suas particularidades, como a transmissão de conhecimentos que favorece a intergeracionalidade. Os saberes do passado são revividos no presente com o auxílio de um novo personagem, o interlocutor-neto, concentrado nas narrativas avoengas. Este mesmo interlocutor pode também ser orador, contando das peripécias de seu dia a dia: o que aprendeu na escola, como e com quem brincou, o que comeu naquele dia. E assim, alternando papéis, avó e neto reforçam laços, estabelecendo um amor que envolve zelo e dedicação.

Entender a maneira como se relacionam os sujeitos dessa pesquisa com seus netos, através do resgate de suas narrativas, possibilita a compreensão do sentido de ser avó de forma mais rica: a avó que conta (suas) histórias compartilha sentimentos, momentos, gostos e experiências que podem ser passados adiante por gerações, mantendo viva a tradição de uma genealogia e a historicidade de um ou mais personagens importantes daquelas contagens. Ser avó e avó contadora assume relevância na vida dessas mulheres, empoderadas e donas de discursos que perpassam trajetórias.

3 METODOLOGIA

O enfoque metodológico para essa pesquisa utilizou-se do estudo de caso com abordagem qualitativa. Godoy (1995, apud Julio, 2014) define que na pesquisa qualitativa usam-se os dados coletados no ambiente natural e o instrumento de pesquisa substancial é o próprio pesquisador, que insufla e motiva seus entrevistados para adquirir as respostas de que necessita. Para Chizzotti (2006, p. 28-29),

o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. Após esse tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

A pesquisa qualitativa requer interação do pesquisador com seu objeto de estudo, e idas a campo. Para tanto, foram elaboradas e realizadas entrevistas semiestruturadas como instrumento para a coleta de dados.

Assim, foram idealizadas entrevistas com avós, não se delimitando idade ou sexo das pessoas entrevistadas, que contam ou contaram histórias para seus netos. A UNITI, projeto idealizado e realizado pelo Instituto de Psicologia da UFRGS, reúne senhores e senhoras acima dos 60 anos e possui a proposta de manter um laboratório de estudos e pesquisas sobre Psicologia do Desenvolvimento Humano com ênfase na velhice, envelhecimento e longevidade (UNITI, 2015), promovendo a seus conviventes um meio de interação e de aprendizado. Este foi o primeiro local buscado para realizar as entrevistas necessárias. Após primeiro contato com o grupo, esclarecidos os motivos de requerer voluntários para a pesquisa em questão e convidando participantes, o convite foi aceito por quatro mulheres. Uma das senhoras, contudo, teve um imprevisto no dia da entrevista e não pôde colaborar. Posteriormente, foram colhidos dois relatos de pessoas externas à UFRGS, um deles obtido em meu ambiente de trabalho³ com uma senhora mutuária de imóvel junto a esse departamento. Interessante mencionar que todas as pessoas dispostas a participar do estudo foram mulheres⁴. Isso nos leva a questionar por

³ Departamento Municipal de Habitação – DEMHAB, vinculado à Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

⁴ A UNITI tem, no momento dessa pesquisa, 135 participantes. Destes, somente dois são do sexo masculino. Do mesmo modo, estudos como os do Projeto SABE (Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento) realizado em São Paulo, apontam as mulheres como mais longevas que os homens, já que as que atingem 60 anos têm uma esperança de vida de mais 22 anos, enquanto os homens, ao atingirem a mesma idade, poderiam viver mais 16 anos (Lebrão e Laurenti, 2003, apud Olchik, 2008).

que homens não se dispuseram a participar da pesquisa. Será que eles têm mais dificuldades de enfrentar uma entrevista? São questões que necessitariam de outros apontamentos.

Para as entrevistas foi utilizado um aparelho telefônico celular com gravador como recurso para manter essas informações e acessá-las em momento oportuno. Um termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) foi assinado pelas entrevistadas, autorizando a publicização das informações.

As entrevistas realizadas com as participantes da UNITI foram agendadas em dias diferentes, dependendo da disponibilidade das mesmas. As conversas foram realizadas na lanchonete da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da UFRGS, ambiente julgado por elas como agradável e informal para o diálogo. Foi também realizada uma entrevista via aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*. Tal recurso, que carece da experiência presencial, foi utilizado como alternativa às entrevistas interpessoais devido à praticidade e disponibilidade de conseguir o depoimento. Como não atingi mais do que três participantes da UNITI e intentava uma amostra de cinco entrevistados, parti para essa opção; acredita-se, contudo, não ter prejudicado o andamento do estudo e da conclusão dos resultados, visto que as perguntas foram bem articuladas e esclarecidas e os relatos, gravados em áudio, igualmente ricos.

3.1 AS SENHORAS ENTREVISTADAS DA UNITI

Minha primeira entrevistada foi Carla⁵, 69 anos, participante da UNITI do subprojeto⁶ Círculo de Leitura e Comunicação e natural de Caxias do Sul. Carla foi uma das entrevistadas que não estava inicialmente disposta a participar do estudo, por não ser avó ainda e acreditar que assim não se encaixaria nos pré-requisitos. Contudo, ela estava próxima à segunda entrevistada com quem eu iria conversar e manifestou seu desejo de auxiliar na pesquisa. Afirmou que, apesar de não ter netos ainda (tanto seu filho de 28 anos quanto sua filha de 27 anos ainda não são pais), ela possui sobrinhos com quem

⁵ Os nomes foram alterados para preservar a imagem das entrevistadas e de seus familiares.

⁶ Os subprojetos são categorias de estudo as quais os participantes elegem integrar quando passam a fazer parte da UNITI. É possível compor um ou mais subprojetos. Este ano a UNITI completa 25 anos e conta com seis subprojetos: Círculo de Leitura e Comunicação, Cultura, Cine Debate, Longevidade Criativa, Natureza e Saúde e UNITI em Canto. Há um tema de estudos norteador a cada semestre e o presente é "Revisão de Vida: O desafio de Envelhecer Aprendendo. Memória, Relacionamentos e Sentido de Vida".

convive frequentemente e uma sobrinha bisneta de quatro anos para a qual é uma grande referência no que diz respeito ao brincar. Carla é pedagoga aposentada, casada há quase 40 anos. Ingressou na UNITI recentemente, no primeiro semestre de 2015.

Em seguida conversei com Betina, 63 anos, que possui uma filha e um neto de quase dez meses. Participa do subprojeto Círculo de Leitura e Comunicação e ingressou na UNITI em março de 2012. É divorciada e nasceu na cidade de Pelotas. Dispôs-se a participar da pesquisa logo de início por ter grande afeição a seu neto, de quem é também cuidadora em muitos momentos.

A terceira entrevistada foi Maria, 69 anos, professora de Língua Portuguesa, aposentada. Maria foi a participante que mais espontaneamente brindou-me com seu relato, rico em detalhes. Nasceu no interior do Rio Grande do Sul, onde foi eleita “Boneca de Erechim” aos quatro anos, ocasião em que conheceu o então presidente Getúlio Vargas. Passou parte da infância e a adolescência em Santa Maria. Tem três filhos e três netas (*por enquanto*, como afirma); foi casada por muitos anos e hoje apenas convive com seu ex-marido na mesma residência. Participa do subprojeto Cultura e está na UNITI há quase dois anos. O projeto tem suma importância em sua existência, pois segundo ela, ele tem o poder de resgatar vidas e dar força aos participantes (foi assim que ela conseguiu encarar a separação conjugal).

3.2 AS SENHORAS ENTREVISTADAS DE OUTROS LOCAIS

Eliane, 57 anos, é pedagoga aposentada. Natural de Porto Alegre, lecionou durante dez anos nos três turnos. Tem como hobby passar tempo com a família, em especial com o neto Ricardo, de seis anos, com quem tem grande afinidade.

A quinta mulher entrevistada, Olga, fará 80 anos em fevereiro do ano que vem. Teve dois filhos, mas um faleceu. Tem uma neta, Patrícia, de 13 anos, e um neto, Gustavo, de 4 anos. Tive contato com ela, pois compareceu ao meu trabalho para tratar de assuntos relativos ao seu imóvel. É uma senhora alegre e independente, disposta a contar suas memórias.

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: OUVINDO E SENTINDO AS NARRATIVAS

[...] sonhamos através de narrativas, devaneamos através de narrativas, lembramos, desejamos, esperamos, desesperamo-nos, acreditamos, duvidamos, planejamos, revisamos, criticamos, construímos, passamos boatos adiante, aprendemos, odiamos e vivemos através de narrativas (Hardy, 1968, apud Girardello, 2007, p. 2).

Este capítulo dedicar-se-á a refletir sobre os relatos das mulheres entrevistadas acerca das contações para seus netos. Cada avó versará sobre suas memórias a partir de suas próprias vivências, conferindo ressignificação e caráter único a suas contações. Acredito que essas experiências são de suma importância para o perpetuar de hábitos e costumes do passado e para manutenção de laços, visto que ao relatar para seus netos essas experiências, aproximam-se gerações. Do mesmo modo, a sensação de bem estar vivida por essas mulheres ao repassarem histórias das quais são protagonistas (todas elas relatam sentir-se muito bem ao contar histórias) é real e se renova a cada contação. Segundo Oliveira (2011, p. 1),

as pessoas mais idosas são, sem dúvida, detentoras de histórias e vivências que podem ser revisitadas pela memória. No sentido trabalhado por Benjamin (1975), a narração dos fatos deve ser feita por quem tem a experiência a comunicar e conselhos a dar a seus ouvintes atentos. Por conta disso, a função social primordial dos velhos é lembrar e estabelecer o elo entre o passado e o presente, mediatizado por sua sabedoria adquirida pelo tempo de vida [...]

As entrevistas evidenciam a importância dos objetos mediadores na contação das histórias. Fotos, brinquedos, roupas iniciam o desvelar de relatos antigos, contos familiares que perpetuam costumes, gostos, gestos e tradições. Carla conta que sua relação com a sobrinha bisneta é facilitada por um porta retratos com fotos da família, como mostra a transcrição da entrevista abaixo:

[...] eu deixo um porta retrato, daqueles que tem ímãs, que tem as fotografias de toda a família, dos primos, da mãe dela pequena, da tia pequena, dos primos pequenos, minha e do meu marido, então aquele porta retrato é a opção dela quando ela chega. Primeira coisa que ela faz: ela ganha uma balinha, e ela arruma o porta retrato, então ela repete todo o grau de parentesco, acha todos muito bonitos, ama muito eles e arruma tudo bem bonitinho, porque ela gosta muito da família, então isso cria um laço muito amoroso, ela é muito amada por todos.

Maria também faz a reflexão acerca da importância das fotografias:

Aí, olhando os álbuns, ela (neta) viu meu álbum de casamento. Aonde eu vou mostrando cada pessoa da família. Eu tenho muitos porta-retratos na sala, então ela sabe quem é quem, direitinho [...]

A partir dos relatos de Carla e Maria, percebo o quão importante é para essas senhoras o auxílio das fotografias para o relato de suas memórias aos netos. Esses artefatos ilustram histórias e resgatam memórias escondidas ou perdidas por elas, de maneira que, munidas de uma imagem, podem reviver e relembrar momentos que poderiam passar despercebidos.

Do mesmo modo, Maria guarda com carinho objetos que desvelam histórias:

Minha avó morreu muito cedo, e legal que tu falaste isso (sobre ouvir histórias de sua avó), porque eu não tive contato com minhas avós, a paterna morreu, eu era pequena mesmo, a outra, materna, eu tinha quatro anos e pouco, e me contaram o seguinte: eu queria muito uma sandalhinha branca, um sapatinho branco, e ela cobrou se já tinham comprado pra mim, saíram, compraram, me deram banho, me vestiram e me mostraram pra ela, arrumadinha, com a sandalhinha, e eu era assim, uma criança bonitinha, eu usava uns cachos, tinha um cabelo mais claro, engraçadinha, assim. E ela me viu, pediu uma xícara de cafezinho pro meu pai, virou pro lado e faleceu. E essa sandália minha mãe guardou com muito carinho, e ela hoje está num quadro, na parede da minha sala. E as crianças também sabem dessa história. E eu vou pôr em quadros o primeiro sapatinho de cada um deles na minha sala também. E meus filhos ouviram as mesmas histórias. As fotos documentam, isso tudo é muito vivo na memória deles, eu tenho muitos presentes que as amigas da minha mãe me deram, que as minhas netas olham na minha cristaleira, delicadezas que eu recebi. Fotos, os cartões que minha mãe recebeu quando eu nasci, eu fiz um álbum grande da família, e eu tenho guardado, documentado lá.

Esses objetos, como dito por Maria, se tornam verdadeiros documentos, pois evidenciam histórias e guardam sentido em cada pedacinho: o sapato branco, o álbum de fotografias, a corda de pular, os cartões de felicitações. Alguns utensílios não puderam ser guardados, mas foram lembrados, como é o caso do cofrinho de Maria que foi destruído por um ladrão:

Contei também que eu tinha um cofrinho, onde eu guardava minhas moedas, e um dia entrou um ladrão e quebrou o meu cofrinho, e elas ficaram muito sentidas, eu até me arrependi de ter contado, porque elas sofreram, sabe, elas se colocaram no meu lugar. Assim, o que elas vão me solicitando eu vou contando.

Os relacionamentos amorosos estão muito presentes nos relatos de dois sujeitos da pesquisa, Maria e Olga. Ambas costumam relatar aos netos histórias de quando namoravam o pai do pai ou o pai da mãe deles. No caso de Maria, uma decepção amorosa arrasou seu casamento, mas foi superada, como mostra a transcrição a seguir:

[...] Mas interessante que nesses álbuns ela (neta) se apegava muito ao álbum de quando eu namorei meu marido, só que em 2010 ele resolveu sair de casa com uma guria muito mais nova, nem 30 anos, e isso criou uma confusão muito grande na cabecinha dela, mas também da Agatha, que agora tem 3 aninhos e me faz as mesmas perguntas. Elas queriam saber de mim. “O avô de vocês fez uma escolha, ele decidiu sair de casa com essa moça”. Meus filhos acharam muito ruim eu ter dito a verdade. Eu disse: “Meu amor, a fulana é uma bruxa, não se aproximem dela” (eu ainda estava naquela época meio mordida), “Mas vovó, ela é boazinha, ela nos dá as pinturas dela”, “Mas ela tirou o teu avô de casa”, “Ela entrou na minha casa, eu a recebi bem, e de repente vejo esse cenário”. Era um casamento aparentemente muito feliz, porque nos dávamos bem e sempre fomos muito carinhosos um com o outro, e a Heleninha não se convencia muito. Até que agora, dezembro do ano passado, ele teve câncer de próstata, e resumindo a história, ela deixou ele morrer quase à míngua. [...] Ela acabou saindo da vida dele, ele escolheu ficar com os filhos, resgatar a relação com eles, que resgataram o pai, minha filha é médica, e não estavam deixando eles irem lá, até que eles resolveram ir, tomaram a atitude certa, salvar o pai, honestamente ele estava muito mal. Está bem agora, não está ótimo porque sua condição é mais séria, mas está inteiro, e no momento ele mora na minha casa. Acolhi em função dos filhos, não é meu marido, ele é um hóspede que tenho em casa, ocupa o meu quarto de hóspedes. Mas quem tá ali cuidando, em quem ele tem confiança de novo é em mim. Então naquele momento que falei pras crianças que a moça era uma bruxa, eu fui parar no psiquiatra porque meus filhos me acharam muito nervosa, muito sofrida, não queriam me ver assim. Fui lá e falei a história pro psiquiatra, ele achou o máximo, por que eu não poderia chamá-la de bruxa? Ele me deu todo o apoio, eu saí dali muito forte, fiz algumas sessões, me senti bem, e quando eu saí foi quando eu entrei pra UNITI. Esse é o valor, a UNITI resgata vidas, tem uma força, uma energia, uma coisa mágica nessa altura da nossa vida. Eu me fortaleci tanto, eu entrei ano passado, não tenho dois anos de UNITI ainda, mas é como se eu estivesse há dez. O efeito foi extraordinário. Eu tive então, oportunidade, a partir daqui, do momento em que ele foi pra minha casa, dia 25 de Julho, aí eu pude dizer pras meninas: “Vocês viram? A vovó não mentiu pra vocês”. Elas viram o avô delas internado, todos viram como ele estava fraco, ele andava de andador, ele não parava em pé, “A vovó não mente. Ela realmente não foi legal pro teu avô”. Mas agora ele tá de volta. Como a vida tem os dois lados, a Heleninha, que queria muito ver a família reconstituída, está vendo, hoje somos de novo um outro tipo de família, mas estamos nas mesmas reuniões, nos mesmos momentos, e a Agatha domingo me surpreendeu, ela olha pro avô dela com um olhar muito forte, uma forma imperativa, e diz: “Vovô, quando é que tu vais namorar a vovó de novo? Vocês têm que casar, nós vamos ser as aias!” Ela montou um quadro, maravilhoso, bem romântico! Eu te dei o espelho da minha vida. Através das fotos eu conto cada momento, elas viram quando cada uma nasceu, dá pra escrever a vida de cada um até a adolescência, o álbum deles sempre foi feito paralelo ao nosso, eu fazia o nosso e fazia o deles, então eles têm a historinha deles documentada em fotos. E agora as netas olham aquelas fotos. Elas acompanham a história.

Já o relato de Olga gira em torno de seu casamento com Celso, segundo marido, que lhe deixou a casa quitada de que tem tanto orgulho e gratidão:

Eu conto pra eles (netos), né, assim, que eu casei, vivi 15 anos com meu marido, pai do meu filho, depois eu fiquei viúva, aí eu tive que batalhar, fui trabalhar no Estaleiro Só, no refeitório, aí, esse meu falecido marido, porque eu tive dois maridos, minha irmã que diz pra ele (filho), “olha, tua mãe já matou dois maridos!” (risos). Aí fui trabalhar no Estaleiro, no refeitório. E aí eu conheci o Celso (segundo marido). Aí um dia eu fui pegar o ônibus pra ir embora pra casa, e ele disse “Nunca te vi aqui!”, aí eu disse “Desculpe, mas eu tenho pressa de chegar em

casa”, e ele: “Marido?”, “Não, tenho dois homenzinhos me esperando! Meu filho ta com 12 (anos) e outro com 10”. Aí ele disse: “Posso ir na tua casa?”, eu disse “Não, na minha casa só meus filhos. Nunca botei homem lá pra dentro”. “Mas posso te esperar pra gente ir conversando?” “Pode!” Mas sabe que deu certo? Aí, um dia, meu filho viu ele dentro de casa, ele comprava frios, comprava leite, tudo, e todo dia, meia-noite, ele ia embora. Aí meu filho diz assim: “ô mãe, por que tu não convidas o Celso pra vir morar aqui? É mais bonito ele morar aqui *com nós* do que ele sair daqui à meia-noite”. “Ah, não sei, não é cedo?” “Ele vai morar conosco, não tu com ele!”.

A neta de Olga, Patrícia, frequentemente chega a sua casa e pede: “Ô, vó, não tem nada pra me contar?”. É esse pedido que dá início aos relatos, que faz com que Olga, além de contar de seu cotidiano, acesse sua memória pra reviver os fatos que marcaram sua juventude. A ligação de Patrícia com a avó se dá por meio da escuta atenta e sincera às contações do passado vivido pela matriarca, ainda que as histórias se repitam: a mocidade, o primeiro encontro com o avô de Patrícia, a luta para sustentar a família trabalhando em um refeitório, a perda do primeiro marido, o encontro com o segundo marido, a perda de um dos filhos. São reafirmações de um passado consolidado e rememorado através dos anos. Quando perguntada se também ouvia histórias de sua mãe e de sua avó, Olga diz:

Não, a minha mãe era muito reservada, não contava nada. Minha avó eu nem conheci. Mas a minha mãe era muito reservada, não contava nada pra nós. Só mesmo as minhas histórias que os netos vão contar pros outros.

Assim, a contação de Olga assume importância ainda maior: não tendo histórias de sua ancestralidade para repassar aos netos, torna-se a sua biografia essencial na manutenção da história de vida dessa família. E ela (re)afirma a magnitude daquilo que conta, pois presume que as contações serão lembradas pelas gerações futuras.

Olga, assim como Carla e Maria, utiliza fotografias para ilustrar ou iniciar suas histórias. Olga, inclusive, fez questão de mostrar as fotos de seu filho e netos durante a entrevista, coladas à carteira. Carla e Maria mantêm álbuns de fotografias que vinculam suas memórias, histórias que já foram vivenciadas, à contemporaneidade. Quando dizem “Aqui eu estava com teu avô, nós éramos namorados”, elas dão significado ao passado com um olhar saudosos do presente, mas mais do que isso, elas oportunizam elucidação aos netos sobre um tempo ao qual eles não terão acesso: o de outros costumes, outras maneiras de agir, de pensar e de vestir, satisfazendo a curiosidade dos mais jovens. Para Girardello (2007, p. 1),

(O poeta russo Kornei Chukovski (1968) dizia que as pessoas contam as histórias e canções de que mais gostavam quando elas próprias eram crianças, de modo que quem escolhe as histórias para as crianças de hoje são as crianças de ontem.) E a narrativa chega através da conversa do adulto que conta ao bebê o que fez e aconteceu, familiarizando-o com os ritmos do relato e com o que eles

significam. A intensidade desse contato, é claro, varia com o grau de fragilidade social e psicológica do contexto e mesmo com as diferenças individuais e culturais. Mas a criança que tiver contato com a linguagem terá também contato com a narrativa - ainda que esta não seja destinada a ela, que não venha acompanhada do olhar e do calor do Outro.

Maria e Olga acreditam que as histórias às netas devem ser contadas à medida que essas solicitam, pois não se pode impor assuntos familiares. Já Betina iniciou ensinamentos de sua religião judaica ao neto Rodrigo, levando-o à sinagoga nas festas de Sucôt e Yom Kipur. Betina ainda não contou histórias para Rodrigo por considerar que ele é muito pequeno para compreender e manter a atenção durante os relatos, mas diz que o fará assim que ele for maior, como fez com a filha. Quando perguntada se costumava contar histórias ao neto, Betina respondeu que

Sim, eu inclusive já comecei, porque nós somos de religião judaica, então agora nós tivemos a festa de Sucôt, a festa das cabanas, então eu levei ele à Sinagoga para ele ver como era uma cabana, e é muito importante comer uma refeição nas cabanas. Como ele não faz refeição eu levei bolachinhas, e ele comeu na sucá. Ah, e também eu levei ele, meu genro, minha filha, fomos à Sinagoga no dia de Yom Kipur, que é o dia do perdão, daí todas as crianças, no final, tinha muitas crianças, ele participou, um pedaço no colo da minha filha, um pedaço no meu colo, foi muito emocionante pra mim, eu fui chorando. Tudo isso vou passar, só estou esperando ele crescer um pouquinho.

A tradição religiosa está presente nessa família e comporá também os relatos futuros dessa matriarca ao neto.

Quanto às brincadeiras de outrora, elas são igualmente rememoradas nas contações às crianças. Maria mostra às netas os brinquedos de sua infância: corda de pular, pega-varetas, dominó. E brincam juntas. Para Ribeiro (2002, p. 56),

brincar é meio de expressão, é forma de integrar-se ao ambiente que o cerca. Através das atividades lúdicas a criança assimila valores, adquire comportamentos, desenvolve diversas áreas de conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade.

Ainda que estejam brincando com adultos, os pequenos experienciam todos esses sentimentos positivos e podem aprender brincadeiras até então desconhecidas. As avós, quando se permitem vivenciar momentos lúdicos com os netos, estão rememorando suas infâncias e igualmente aprimorando habilidades cognitivas e motoras.

Quando perguntada se em algum momento havia contado histórias de família para a neta, Carla contou da interessante brincadeira de “arara” que costumava fazer com os

filhos quando estes eram pequenos, na verdade, uma metáfora; a sobrinha bisneta, interessada, deseja brincar também:

Já (contou histórias), como a tia brincava com os filhos. Eu e meus filhos, eu sempre trabalhei fora, eles foram criados em escola infantil, e quando eles estavam nessa idade nós brincávamos de “arara”. Como é que é que era essa brincadeira de arara, que até hoje eles lembram e ela gosta muito: como eram dois, né, a mãe tem dois braços, eu dizia que cada filhote ficava embaixo de um braço, pra privilegiar os dois, e aí as arararinhas pediam comida, e a mãezinha dava beijinhos, que era a comidinha de afeto deles. Ela ama brincar! Ela diz assim: “Tia, eu sou só uma, eu também posso brincar de arara?” “Claro!” Daí a tia abraça com os dois braços.

O brincar igualmente se configura como atividade transmitida de geração para geração. Ao lembrar brincadeiras da infância, ou de quando brincavam com os filhos, e retransmiti-las aos netos, os sujeitos da pesquisa perduram hábitos antes esquecidos, eternizando-os. Difundir os brinquedos e brincadeiras do passado é, para esses sujeitos, uma forma de manterem-se presentes e pertencentes a esse universo.

Eliane, uma avó jovem e ativa, conta que costumava ouvir muitas histórias do folclore contadas por sua avó materna:

Quando pequena eu morava numa chácara com mãe, irmãos e vó materna. Minha avó não tinha muita instrução, mas brincava muito com a gente, costumava contar histórias sobre o nosso folclore. Lembro que eu e meus irmãos ficávamos muito atentos ouvindo histórias de bruxas e lobisomens. Também fazíamos muitas perguntas sobre essas histórias. Ela também adorava falar sobre o Tarzan. Sempre fui apaixonada pela literatura infantil e quando minhas filhas nasceram sempre tive a preocupação de presenteá-las com livros de histórias, em aniversários, Natal, dia das crianças, enfim, sempre junto com o brinquedo, vinha um livro de histórias. Eu contava muitas histórias pra elas, porque elas não tiveram a mesma sorte que eu. Quando minhas filhas nasceram tinham também avós materna e paterna, mas essas nunca se interessaram em contar histórias pra elas, além de morarem longe. Hoje tenho um neto de seis anos que ama ouvir histórias [...] Sobre minha família, já contei histórias pro Ricky, de que meus avós paternos vieram de Portugal, como foi a vinda pra cá, contei que minha avó adorava contar histórias sobre lobisomem, que ficávamos deitados ouvindo histórias, que eu contava muitas histórias pra mãe dele, que sempre líamos um livro antes de dormir.

As histórias de personagens folclóricos contadas pela avó de Eliane são histórias até hoje conhecidas e afamadas nos livros. Eliane conta também que ficava atônita ouvindo esses relatos, tamanho era o clima de magia e suspense que essas histórias provocavam quando representadas pela familiar. Do mesmo modo, a vinda dos avós paternos de Portugal também causa perplexidade, pois é um fato carregado de historicidade. Essa avó difunde também o gosto do neto pela leitura, pelas histórias literárias infantis com as quais acostumou Ricardo. Ela enfatiza que, sempre que pode,

presenteia o neto com um livro, assim como fazia com as filhas. A vasta biblioteca de livros infantis em sua casa é cultivada com esmero e acessada sempre que o pequeno a visita:

Eu costumo ler pro Ricky livros de literatura infantil de diversos autores porque nós temos aqui uma biblioteca extensa de livros. Então, os livros que tenho aqui em casa nós selecionamos juntos um título e lemos. E muitas vezes também ele gosta de ouvir um livro mais de uma vez, daí ele me pede “Vó, lê aquele livro que tu leu, assim, assim”, daí a gente procura o livro e reconta. Agora que ele tá no primeiro ano ele lê uma parte do livro e eu leio outra, pra ele não ficar tão cansado.

Nesse caso, as narrativas folclóricas e as memórias contracenam com as histórias literárias, igualmente importantes para a conservação do vínculo avó-neto arquitetado ao longo dos anos. Os livros são também memórias digitalizadas e impressas.

Todas as avós entrevistadas reafirmaram a satisfação que sentem ao contar histórias aos netos, assim como reiteraram o deleite dos netos aos ouvirem tais contações. Fica claro que a conexão das gerações se dá de maneira espontânea e muito carinhosa. As histórias de vida, antes sujeitas a uma só memória, prolongam-se e podem ser recontadas por muitos e muitos anos.

Assim, Girardello (2007, p. 10) enfatiza que

concluimos esta reflexão sublinhando o caráter dialógico da gênese do discurso narrativo nas crianças: é ouvindo histórias (lidas e também contadas livremente, inspiradas na literatura ou na experiência vivida) e vendo ouvidas as suas próprias histórias que elas aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência, e ao fazê-lo vão se constituindo como sujeitos culturais.

Deste modo, percebemos os temas abordados (histórias familiares, histórias amorosas, histórias de trabalho, de religião) como assuntos vivenciados nessas contações. A presença de recursos como livros, objetos de brincar e fotografias se faz vigente, de modo que esses itens tornam-se essenciais para o desvelar de histórias para tais mulheres.

Questiona-se a questão da instrução como base para contar. Avós não tão instruídas, como Olga, possuem igualmente histórias de vida a ser contadas, e histórias ricas em personagens e detalhes. Tudo irá depender da didática da avó contadora, relembando momentos e enchendo de minúcias seus relatos. A neta de Olga, Patrícia, parece não se importar que a avó repita suas histórias. Ou ainda, pode ser que Olga não tenha lembrado, no momento da entrevista, de outras histórias que conta.

Quanto à oportunidade para as contações, fica claro que, para algumas senhoras, o instante em que os netos solicitam é o conveniente. Influenciará também a disposição delas no momento para contar; acredita-se que o fator motivador que inicia os relatos parece ser o interesse dos netos.

As experiências vividas pelas avós se juntarão às próprias bagagens e poderão ser recontadas futuramente, tecendo uma “colcha de histórias” familiar cerzida pela delicadeza e pela amorosidade que regem tais relatos. São as narrativas que também compõem o constituir-se como sujeito, o tornar-se indivíduo, com sua profusão e beleza. É a oralidade que oportuniza que as crianças, logo adultas, difundam conhecimentos familiares através das gerações.

3 PERSPECTIVAS

A pesquisa apresentada está longe de concluir resultados quanto às relações intergeracionais, mas tentou revelar a importância das contações para a manutenção dos elos entre avós e netos. Se a transmissão dos costumes, hábitos, fatos e gostos vividos no passado for repassado às gerações futuras, teremos não só um conhecimento perpetuado, mas também motivos para conectar ainda mais duas gerações conviventes.

Para Ferrigno (2006, p. 68), os mais velhos repassam às gerações mais jovens

[...] a memória cultural e de valores éticos fundamentais além de conhecimentos práticos, habilidades aplicadas ao cotidiano. Transmitem sua história pessoal e a história da comunidade, permitindo aos jovens conhecerem suas origens e se enraizarem em sua própria cultura. Conhecendo seu passado, os jovens entendem melhor o seu presente e projetam seu futuro de modo mais realista e promissor.

A contação na avosidade se torna tão interessante porque os laços entre avós e netos são, como visto nas entrevistas, sinceros e resistentes. Muitos adultos se sentem incomodados com as contações dos idosos, e não estão mais disponíveis para ouvir histórias recontadas. As crianças podem ser interlocutores interessados e livres de representações sociais pejorativas. Assim pondera Chaves (2011, p. 5), quando diz que

enquanto os adultos se mostram “atarefados demais” para ouvir relatos - por vezes repetitivos - de pessoas mais velhas, as crianças estão mais dispostas e se sentem envolvidas por esse mundo imaginário e criativo das narrações. O contador de histórias sempre existiu ao longo da evolução e persiste em muitas culturas, a exemplo das rodas de conversa familiares e dos “causos” e lendas relatados ao redor de uma fogueira.

O encontro com essas mulheres possibilitou (re)conhecê-las através de suas histórias, e imaginar suas relações com seus netos, além de arquitetar algumas questões: se acaso os netos não estivessem disponíveis para ouvirem-nas, tais contações ficariam perdidas, destinadas a findarem-se quando da morte de suas protagonistas? Mulheres fortes, que enfrentaram perdas, lutas, separações, podem ser um exemplo de vida para seus sucessores? Se a ligação de Olga com a neta Patrícia é mediada pelo pedido de histórias, como seria o contato delas sem a intervenção das narrativas?

Infundáveis possibilidades são guardadas por essa temática e muito esforço por conhecer as contações na avosidade pode ser aplicado na contribuição de novas referências. A mim, a pesquisa agregou, entre outros, o discernimento de que mais do que um simples ato, contar (e ouvir) histórias inspira afeto, zelo, herança e confiabilidade;

sentimentos que estão presentes sempre que um ente relembra uma contação e a transmite com frases afáveis, iniciadas por “no meu tempo...” ou “quando eu tinha a tua idade...”. Saberes que possibilitam a reflexão e a manutenção de legados de importância incontestável a essas famílias, solidificando a ligação avós-netos e permeando momentos de cumplicidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Os velhos**. In: Boitempo. Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/os-velhos-carlos-drummond-de-andrade>. Acesso em: 20 nov. 2015.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2014** / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro : IBGE, 2015. 102 p. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>. Acesso em: 28 nov. 2015.

CAMARANO, Ana Amélia (Org). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Rio de Janeiro, 2004. p. 25. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Arg_29_Livro_Completo.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2015.

CAMPOS, Fernanda Rodrigues. **A contação de histórias na constituição de autoria: papel & parceira**. 2011. 65 f. p. 10. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Viamão, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39430/000824068.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

CHAVES, Caroline Gonçalves. **A relação intergeracional e transcultural na contação de histórias: promovendo um novo olhar para a questão do envelhecimento**. 2011. Disponível em: <<http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/fetch/48857979/finalcarolinechaves.doc>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 24 nov. 2015.

DOLL, Johannes; RAMOS, Anne Carolina; BUAES, Caroline Stumpf. **Apresentação – Educação e Envelhecimento**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 9-15, jan./mar. 2015. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 24 nov. 2015.

DORNELAS, Camila Carrari. **Era uma vez um conto, uma história, um encontro:** o resgate da tradição oral. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, Rio de Janeiro, v. VII , n. XXV, p.1-27, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/6/11>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

FERRIGNO, José Carlos. **A co-educação entre gerações** . Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.20, p.67-69, set. 2006. Suplemento n.5.

GIRARDELLO, Gilka. **Voz, presença e imaginação:** a narração de histórias e as crianças pequenas. 2007. Disponível em: <http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/aNarracao.pdf>. Acesso em: 30 nov 2015.

OLCHIK, Maira Rozenfeld. **Treino de memória:** um novo aprender no envelhecimento. 2008. 133 f. Tese (Doutorado) em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13489/000648895.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **Infância e envelhecimento:** memória e literatura. Cadernos neolatinos, vol.5, n.5, 2011.

QUEIROZ, Rachel de. **A arte de ser avó.** In: O brasileiro perplexo. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964. Disponível em: <https://mardepoesia.wordpress.com/2010/09/04/a-arte-de-ser-avo/> Acesso em: 30 nov. 2015.

RAMOS, Anne Carolina. **O corpo-bagulho:** ser velho na perspectiva das crianças. Educação e Realidade, v. 34, p. 239-260, 2009.

RAMOS, Anne Carolina. **Meus avós e eu:** as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças. 2011. 464 f. p. 192. Tese (Doutorado) em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/32306>>. Acesso em: 04 out. 2015.

RAMOS, Anne Carolina. **Os avós na literatura infantil:** perspectivas gerontológicas e educacionais. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 25 out. 2015.

RIBEIRO, Paula Simon. **Jogos e brinquedos tradicionais**. In: SANTOS. Santa Marli Pires dos. *Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos*. 7ª Edição. Petrópolis, RJ:Vozes, 2002.

SILVA, Camila Cuencas Funari Mendes e; CORREA, Mariele Rodrigues. **Trocas simbólicas entre gerações: avós, netos e a literatura infantil**. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1679-494x2014000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Instituto de Psicologia. **UNITI - Universidade Para A Terceira Idade**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/psicologia/nucleos-e-laboratorios/uniti/apresentacao>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

APÊNDICE A – QUESTÕES PARA A ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROFESSOR ORIENTADOR DR. JOHANNES DOLL
GRADUANDA CAROLINE GONÇALVES CHAVES

Questões para a entrevista:

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Quantos filhos possui?
4. Quantos netos possui?
5. A senhora conta ou contou histórias para seus netos? Como foi?
6. Quais são essas histórias?
7. Em que idade conta/contou? Que idade tem/tinham os netos?
8. Quantas vezes se contaram essas histórias?
9. Como se sentiu contando essas histórias?
10. Como os netos se sentiram?
11. A senhora ouviu histórias de sua avó quando criança?
12. A senhora contou histórias para seus filhos?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr(a).

Estamos desenvolvendo um estudo e que visa conhecer a relação intergeracional entre avós e netos, e as histórias contadas na avosidade.

Você está sendo convidado(a) a participar deste estudo.

Esclareço que durante o trabalho não haverá maiores riscos ou desconfortos, nem tampouco custos ou forma de pagamento pela sua participação no estudo. Estaremos sempre à disposição para qualquer esclarecimento acerca dos assuntos relacionados ao estudo, no momento em que desejar contatar a pesquisadora responsável pelo estudo, através do telefone 51-3308.4144, Prof. Johannes Doll.

É importante que você saiba que sua participação neste estudo é voluntária e que você pode recusar-se a autorizá-lo ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem qualquer consequências para você.

Pedimos a sua assinatura neste consentimento para confirmar a sua compreensão em relação a este convite e sua disposição a contribuir na realização deste trabalho, em concordância com a Resolução CNS nº 466/12 que regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos.

Desde já agradecemos a sua atenção.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Eu, _____, após a leitura deste consentimento, declaro que compreendi o objetivo deste estudo e confirmo o interesse em participar desta pesquisa.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do Participante